

SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO DE PAISAGENS CULTURAIS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL E O SEU CONTRIBUTO PARA A SUSTENTABILIDADE SOCIO-ECOLÓGICA DA REGIÃO MERIDIONAL BRASILEIRA

Lauro César Figueiredo

Universidade Federal de Santa Maria/RS, Brasil

Desidério Batista

Universidade do Algarve, CHAIA/UÉ, Portugal

Resumo

O presente artigo objectiva debater o contributo da salvaguarda e valorização da paisagem cultural em comunidades rurais tradicionais no âmbito do desenvolvimento a longo prazo tanto da Sociedade, como da Natureza, a partir do estudo de caso dos ciclos de imigração e ocupação do território na região central do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil meridional. Conhecida como região da Quarta Colónia, integra pequenas propriedades rurais nucleadas por cidades, singularizando paisagens rurais e urbanas produto do trabalho e da acção de imigrantes europeus, configurando-se como uma verdadeira região de cultura ítalo-brasileira. As suas paisagens inscritas na memória colectiva colocam, na actualidade, grandes desafios para a preservação integrada das identidades sociais historicamente constituídas e dos valores ecológicos e patrimoniais associados à história natural e cultural do lugar.

Palavras-chave: paisagem cultural, sustentabilidade, sítios históricos, imigração, identidade colectiva

Abstract

This objective article discussion the contribution of the protection and enhancement of the cultural landscape in traditional rural communities in the long-term development of both the Company and the Nature from the case study of migration cycles and occupation of the territory in central region of Rio Grande do Sul state in southern Brazil. Region known as the Fourth Cologne, integrates small farms nucleated by cities, singling rural landscapes and urban product of work and action of European immigrants, configured as a true region of Italian-Brazilian culture. Its landscapes inscribed in the collective memory field, at present major challenges for the integrated preservation of social identities historically constituted and ecological and heritage values associated with the natural and cultural history of the place.

Key words: cultural landscape, sustainability, historic sites, immigration, collective identity

1. Paisagem cultural e memória(s)

A acepção actual da noção de paisagem cultural, pese a enorme polissemia a ela vinculada no âmbito da reflexão e do debate contemporâneo (FIGUEIREDO & BATISTA, 2016), surgiu apenas há cerca de cem anos atrás a partir da revisão que Carl Sauer fez da ideia de *Landschaft* no âmbito da Geografia Cultural, disciplina que analisa os processos de transformação da paisagem natural em cultural por acção do homem, entendendo a paisagem cultural como construção humana. Neste sentido, a noção de paisagem cultural abarca uma grande diversidade de manifestações, resultado das inúmeras interacções entre a sociedade e o território: de cidades a campos agrícolas, de jardins históricos a rotas de peregrinação, entre muitas outras. É, nesta perspectiva, que aponta a definição de paisagem cultural e sua categorização propostas pelo Comité do Património Mundial da UNESCO em 1980 e 1992, considerando a paisagem no seu sentido mais amplo integrando os aspectos naturais e culturais, os aspectos materiais e imateriais, não como resultado final de uma determinada cultura, mas como um sistema dinâmico em permanente transformação e, neste sentido, constituindo a expressão da memória e da identidade de um povo e de uma região.

Ora, a vasta amplitude do termo e a sua delimitação, ainda um tanto indefinida, continuam a gerar controvérsias de distinta natureza, como mostram vários estudiosos de diferentes campos disciplinares que consideram que, apesar do “renascimento” que o conceito vive hoje, ele continua a ser marcado por um conhecimento em construção. Neste domínio, podemos referir que à Geografia Cultural Tradicional, que analisa a paisagem através da sua morfologia, se juntou a Nova Geografia Cultural, que interpreta a paisagem com base na sua simbologia, o que veio acrescentar ao conceito de paisagem cultural uma dimensão simbólica e identitária procedente da valorização da memória ecológica e cultural do lugar.

É, neste contexto, que no Brasil, o Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, através da Portaria nº 127, de 30 de Abril de 2009, estabeleceu a chancela da Paisagem Cultural Brasileira como *“uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interacção do ser humano com o meio natural, em que a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores”* (BRASIL, 2009, p. 09).

2. Colonização do sul de Brasil e formação da Quarta Colónia de Imigração Italiana

Importa destacar que, nesta investigação, no contexto da região estudada, não se pretendeu fazer uma diferenciação entre o espaço urbano e o espaço rural, mas optou-se antes por uma abordagem sistémica e integradora que os considerou como partes articuladas de um todo indivisível, assumindo-se no âmbito do presente estudo que *“o espaço rural e o espaço urbano devem-se interligar de tal maneira que, sem que percam as suas características próprias e funcionamento autónomo, não deixam de servir os interesses comuns da sociedade, quer digam respeito ao mundo rural, quer à vida urbana”* (TELLES, 1994, pp.28-33).

Razão pela qual, o espaço rural é encarado como espaço de modos de vida e produção agrícola, aliado, às pequenas cidades que, neste caso, estão localizadas, ainda, em área de economia agrícola, desempenhando papéis urbanos bastante precisos, embora restritos. Se a cidade é, acima de tudo, o lugar da vida, dos modos de vida quotidiana, sendo que, nas pequenas cidades, a presença da urbanidade ainda persiste correspondendo a uma das características que as definem de forma mais contundente, no caso da Quarta Colônia de Imigração Italiana as pequenas cidades apresentam características fortemente rurais de modos de vida.

No âmbito do processo histórico de ocupação e organização territorial do sul do país, o governo brasileiro promoveu a partir de 1870 a vinda de imigrantes italianos para o Estado do Rio Grande do Sul, cuja colonização privilegiou, por diversas razões, a apropriação e posse das férteis terras meridionais, que apesar de serem alvo de frequentes disputas com os espanhóis, fomentaram a economia regional através de uma produção agrícola de maior qualidade. As três primeiras colônias fundadas a partir de 1876 na Serra Gaúcha: Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi (GUTIERREZ, 2000, p.111) produziam fundamentalmente cereais (milho, trigo e centeio), batata e mandioca, mas também vinho cujo consumo por parte dos colonos italianos, fazendo jus a uma tradição do seu país de origem, contribuiu para a criação de um mercado interno e de um legado histórico expresso numa paisagem vinhateira singular e na presença de estruturas vinícolas que o agro e o enoturismo têm vindo a descobrir.

A este propósito, embora referindo-se à imigração italiana no Sul Catarinense, Pimenta (2014, p.17) refere que *“Os italianos foram introduzidos por luso-brasileiros na prática de cultivo de espécies autóctones e outras já cultivadas anteriormente, mas trouxeram em suas bagagens suas próprias tradições como o cultivo da vinha, dando feições próprias às suas terras”*. Entre aquelas colônias pioneiras, destaca-se Colônia Caxias, actual Caxias do Sul, situada nos Campos de Cima da Serra, que embora condicionada pela precariedade de infra-estruturas, nomeadamente rodoviárias, se desenvolveu em termos económicos baseando-se na produção e comercialização agrícola e na indústria, constituindo hoje um pólo industrial bastante dinâmico, e uma herança cultural italiana.

Posteriormente, em 1877, foi fundada a Quarta Colônia Italiana, a Colônia Silveira Martins, na região central do estado gaúcho, distante dos outros três primeiros núcleos coloniais e dos centros financeiros e económicos do estado rio-grandense, dificultando, assim, o seu desenvolvimento socioeconómico. No entanto, a chegada contínua de imigrantes a esta colônia, na sua maioria vênets, gerou a necessidade de novos parcelamentos fundiários, a criação de novas parcelas de terras, resultando na formação de novos núcleos urbanos próximos da sede da colônia como sejam Soturno, Arroio Grande, Nova Treviso, Vale Vênets, cuja toponímia reflecte a geografia do país transalpino, e que deram origem aos municípios de colonização italiana: Silveira Martins, Ivorá, São João do Polésine, Faxinal do Soturno, Dona Francisca, Nova Palma e Pinhal Grande. O processo de colonização italiana propiciou, assim, o desenvolvimento dos municípios pertencentes à Região da Quarta Colônia de Imigração, mas também a formação étnico-cultural e a afirmação de uma identidade colectiva, para além de ter contribuído para o desenvolvimento e o progresso do território rio-grandense (Figura 01).

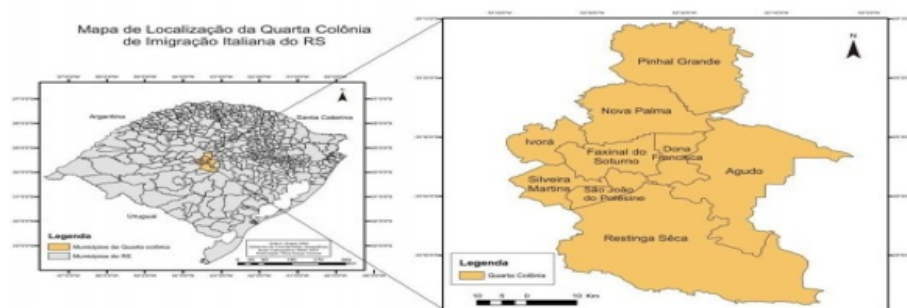


Figura 01 - Localização da área de estudo e os respectivos municípios que integram a Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, no Sul do Brasil.
Fonte: Lauro César Figueiredo

3. O património italiano na Quarta Colónia: a paisagem e a arquitectura tradicionais

À semelhança de outros colonos europeus, nomeadamente alemães, os imigrantes italianos estabeleceram-se em regiões do interior do estado, bastante isoladas, com incipientes ligações aos assentamentos luso-brasileiros pré-existentes. Neste contexto, acabaram por desenvolver “ilhas culturais” que correspondem, ainda hoje, a territórios fortemente identitários e de grande valor patrimonial caracterizados pela diversidade de tipologias arquitectónicas vernaculares e respectivos processos, técnicas e sistemas construtivos, primando pela quase-ausência de monumentalidade.

O modelo de dispersão dos edifícios e das populações pelo território que subjaz ao processo migratório e colonizador alemão repete-se com os italianos, cuja difusão pela região gaúcha está na origem da formação de distintos núcleos populacionais, sede das referidas “ilhas culturais”, cuja descontinuidade espacial não impediu, no entanto, a territorialização da expressividade italo-brasileira, de que a Quarta Colónia é um claro exemplo, detentora de um património cultural singular que expressa e identifica a “italianidade” dos seus habitantes, no sentido do termo cunhado sob o ponto de vista antropológico por Zanini (2006, p. 77).

A paisagem cultural da Quarta Colónia encerra importantes representações materiais e imateriais da cultura italiana de que são exemplo edifícios de arquitectura vernácula (mas também erudita) que na sua relação com o entorno materializam uma matriz histórica de origem mediterrânica baseada na interdependência entre a casa, a produção agrícola e as comunidades humanas. Nesta região de imigração véneta, o espaço rural é marcado pelo minifúndio, pela presença generalizada das pequenas propriedades agrícolas trabalhadas pela família, distribuídas em estreitas faixas de terra perpendiculares aos caminhos, configurando um mosaico agrícola e paisagístico apertado que se estende dos fundos dos vales às zonas de cabeço. Os casais agrícolas, implantados nas frentes das parcelas numa relação directa com os acessos, são complementados com outras edificações rurais características associadas às actividades agro-pecuárias. Não raras vezes, encontram-se propriedades com edificações históricas de valor patrimonial, testemunho de uma cultura arquitectónica rica e diversa.

Caracterizado pelo parcelamento fundiário apertado, o território da Quarta Colónia evidencia uma densidade populacional alta que contrasta com as “vazias” regiões brasileiras de latifúndios. Embora privilegie a habitação dispersa nas courelas estreitas e compridas, a colonização italiana apoia-se igualmente em pequenos aglomerados que cumprindo funções urbanas centralizam a vida social e cultural da região. Esta é pontuada, nas suas principais linhas coloniais, por vilas e aldeias onde a igreja, a escola e o cemitério correspondem a elementos articuladores da estrutura urbana geométrica em cujas ruas, estreitas e rectilíneas, as “vendas” e as pequenas lojas de produtos e alfaías agrícolas coexistem com a habitação, materializando uma das principais qualidades da paisagem tradicional: a sua multifuncionalidade associada à mistura de usos e funções no mesmo espaço. É a partir destas áreas e elementos, na sua interdependência e inter-relação, que se conformam e estruturam as regiões rurais, características da imigração italiana (SAQUET, 2003, p.45).

Nestas, as pequenas cidades, de que são exemplo as da região da Quarta Colónia evidenciam especificidades nos traçados urbanos, associadas à presença de uma rua comercial, à implantação singular da igreja em elevações ligeiramente apartadas dos eixos principais, à conformação dos bairros originados pela absorção das antigas linhas coloniais rurais e das pequenas propriedades, então subdivididas. A história destas cidades ficou marcada, igualmente, pela arquitectura das edificações com os traços característicos do “italianismo” bem presentes, também, na identidade cultural dos colonos. Desde a arquitectura colonial fundacional e das tendências eclécticas implantadas no final do século XIX (com recurso à pedra e madeira) até ao estilo tardio do século XX, passando pelas estruturas caracteristicamente compactas e simétricas, um rico património edificado marca inúmeras cidades gaúchas, que a avassaladora onda de renovação urbana e imobiliária especulativa a partir dos anos de 1970, está a submeter a um processo de descaracterização e adulteração com a perda irreparável de um legado histórico insubstituível. Contudo, os edifícios representativos da cultura arquitectónica colonial italiana que se conservam, acrescidos dos produtos arquitectónicos resultantes dos incentivos à “reprodução” das características regionais transalpinas, pese embora as críticas que sobre eles pendem, constituem a base da perpetuação de uma identidade urbana que distingue estas cidades, das cidades de origem luso e teuto-brasileira.

4. O Património histórico edificado nos territórios da Quarta Colónia: diferentes momentos da história e da colectividade

O património histórico edificado é a concretização mais perfeita da objectificação das materialidades e práticas sociais afectas à criação humana, pois ele é concreto e visível, constituindo-se, por assim dizer, numa metáfora mais evidenciada. Com efeito, se a arquitectura denota uma ideologia e possui a particularidade de a transformar em algo real transmitindo mediante um discurso palpável os seus valores e significados, os edifícios são entendidos como formas de comunicação não-verbal e, neste sentido, poderão ser lidos e decifrados; ou seja, as edificações são objectos sociais carregados de valores e sentidos próprios de cada sociedade, constituindo-se não como um mero reflexo passivo desta, mas antes como partícipes activos na formação das pessoas (ZARANKIN, 2002, p.20).

Nesta óptica, poder-se-á considerar que o edifício histórico representa o pensamento humano sob uma forma mais tangível, expressando a dinâmica da inter-relação entre as pessoas e os objectos na cultura material, convertendo-o num artefacto. Enquanto artefacto, o edifício histórico compreende os dois processos àquele associado: o de instrumentação, relacionado com a utilização do edifício por parte do sujeito, do indivíduo, sem o modificar, e o de instrumentalização que implica a transformação do edifício ou a produção integral do artefacto pelo sujeito (VIÑAO FRAGO, 1998, p.112). Ora, se parte da história da civilização humana pode ser entendida tanto através da conquista da Natureza pela acção das comunidades, como pelas suas construções e edificações enquanto marcas que convertem o espaço em lugar (BACHELARD, 1975; PARKER PEARSON, 1994; VIÑAO FRAGO, 1998, p.92), então, a paisagem cultural da região da Quarta Colónia de imigração italiana constitui um lugar patrimonial cujos edifícios construídos em distintas épocas revelam uma grande diversidade de estilos arquitectónicos, processos e sistemas construtivos e são, independentemente disso, referências de adaptação, de criatividade e da vontade de fazer da casa mais do que um abrigo ou um simples local de residência.

O património histórico edificado da Quarta Colónia compreende os “prédios” dos primeiros anos da colonização italiana (mas também alemã e da ocupação portuguesa), entre os quais, locais comerciais e escolas, que viram as suas fachadas principais serem substituídas, nas décadas de 1930 e 1940, por novas fachadas, sinal da ascensão social dos proprietários resultado de um trabalho ou negócio bem-sucedido ou da ascensão administrativa e socioeconómica da povoação, respectivamente. Mas, também, as casas rústicas e sóbrias das primeiras campanhas de construção que, por mais que a volumetria e o pé-direito não ajudassem, receberam como adorno falsas colunas e capitéis ao melhor estilo neoclássico e elementos decorativos art-nouveau introduzidos nas décadas seguintes àquelas, e ainda casas ao estilo modernista construídas nos anos de 1960 e 1970.

São edificações que se revelam no tempo e no espaço, em que distintas técnicas e materiais de construção como madeira, pedra (basalto ou arenito) ou tijolo, testemunham a origem dos seus proprietários, os seus gostos, anseios e necessidades, mas representam, também, valores e ideais expressos numa plena integração dos volumes construídos na paisagem quer urbana, quer rural. A sua presença que supera a tangibilidade das paredes e dos telhados para se evidenciar pela dimensão afectiva que lhe é inerente, desperta e reclama a atenção e sensibilidade dos cidadãos, face à condição de fragilidade das casas e à premente necessidade e urgência de salvaguarda e/ou conservação do seu valor patrimonial, material e imaterial.

Os bens exemplificados não definem uma escala de valores estéticos, apenas identificam edifícios com características construtivas e arquitectónicas de diferentes períodos que constituem no seu conjunto um legado cultural associado à identidade e à memória colectiva da região gaúcha. Razão pela qual, a partir deles, se considera que tanto os proprietários, como a sociedade em geral, por meio dos governos locais, poderão intervir em políticas públicas de incentivo à protecção e preservação do património edificado da Quarta Colónia do Rio Grande do Sul.

No município de Dona Francisca encontra-se, entre outros, um conjunto de edificações datado das três primeiras décadas do século XX (PAQC; 2010, p.71-88) que põe em evidência um processo construtivo evolutivo e diversificado cujas principais expressões (Figura 02) correspondem à residência de Iolanda Cassol (em primeiro plano) com varanda em mosaico hidráulico, adornada com arcos e parede arredondada; à moradia de Arquelino Vendrame, em que se destaca a textura de revestimento da fachada, técnica recorrente nas construções de época; e à casa de Lincoldo Henning, datada de 1900, térrea, construída em pedra, rebocada e caiada de branco, e telhado de duas águas.

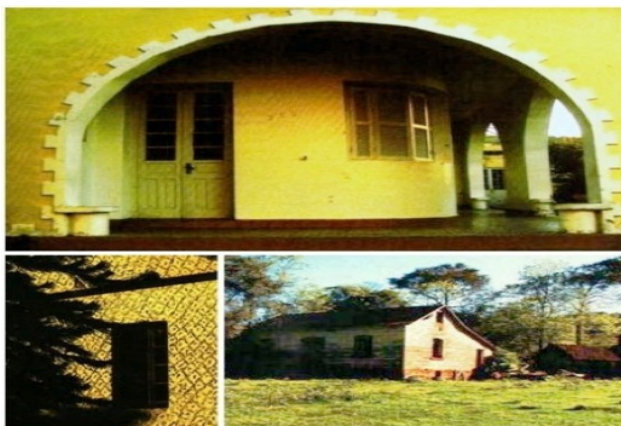


Figura 02 - Distintas expressões de edifícios residenciais construídos no município de Dona Francisca, no período compreendido entre 1900 e 1930.

Fonte: Lauro César Figueiredo, 2010

Em Faxinal do Soturno (figura 03), observam-se edificações datadas da primeira metade do século XX: a “moradia verde” da família Pigatto, em cuja fachada principal se destaca a platibanda e as falsas colunas; a casa de planta rectangular e telhado de quatro águas com respiros, com paredes de pedra regular em arenito com juntas de argamassa; e o “casarão” da família Santini, de dois pisos, cobertura em telhado de quatro águas e grande profusão de vãos, cujos herdeiros aguardam a partilha de bens. Percebe-se, pelos casos referidos, a preferência por construções térreas ou “assobradadas” de volumetria simples.



Figura 03- Faxinal do Soturno: distintas tipologias arquitectónicas datadas entre 1900 e 1940.

Fonte: Lauro César Figueiredo, 2010.

No núcleo de Ivorá (Figura 04), destacamos exemplos de arquitectura religiosa e arquitectura doméstica, datados da primeira metade do século XX, que nos ajudam a caracterizar o património histórico edificado desta sub-região de colonização italiana: os “conjuntos católicos” da Igreja Matriz, torre sineira e salão paroquial, e o Mosteiro dos Monges Cartuxos (um dos três existentes no continente americano); a casa-residência de Guerino Binotto, de dois pisos e telhado de duas águas, construída em tijolo aparente; a fazenda da família Venturini constituída por casa, capela, armazéns e estábulo, que ocupam o sopé do monte, entre cereais nas terras baixas e planas, e pastagens e mata nas encostas.

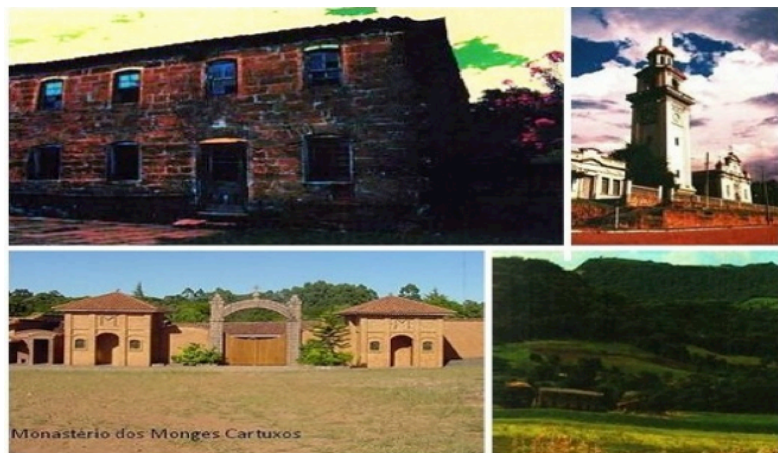


Figura 04 – Ivorá: arquitectura religiosa e civil característica da colonização italiana. Fonte: Arquivo de Lauro César Figueiredo, 2010.

Em Nova Palma (Figura 05), também construídos nas primeiras décadas do século passado, encontram-se edifícios de distintas tipologias associadas quer à arquitectura doméstica, quer à pequena indústria ou ainda às actividades de turismo e lazer como é o caso do balneário municipal. A casa térrea de Leônidas Descovi, com telhado de duas águas assimétricas, tipologia de residência característica do período colonial, recorrente na região; a “arquitectura industrial” da fábrica de sorvetes Cremogel configura um conjunto homogêneo de volumetrias conexas constituindo uma herança clara da imigração italiana; a residência do padre Afonso Tomasi, de dois pisos e cobertura em telhado de quatro águas, com fachadas adornadas com falsas colunas e varandins nas portas-janelas do piso superior, possuindo cave totalmente enterrada com acesso interior ao piso térreo; e, ainda, o balneário municipal, a expressão patrimonial de carácter público que integrando a paisagem cultural da Quarta Colónia de imigração italiana, constitui uma referência fundamental na memória colectiva da região.

Em São João do Polêsine (Figura 06), marcam presenças exemplares de distintas expressões arquitectónicas com origem nas décadas de 1930 e 1940. O antigo Hotel Central, pertencente à família Sônego consitui um referente na paisagem urbana; na arquitectura doméstica, a residência da família Gentil Piveta, em alvenaria de pedra rebocada e caiada com pigmentos de cor ocre, destaca na sua fachada principal um

corpo avançado e multifacetado com amplas janelas; a arquitectura religiosa está representada pelo antigo convento de freiras onde, atualmente, funciona a Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop.



Figura 05 - Nova Palma. Antigas edificações que integram a paisagem cultural
Fonte: Gabinete de Planeamento Ambiental da Quarta Colónia, 2008



Figura 06 - São João do Polêsine, conjunto de edificações de diferentes expressões arquitectónicas datadas das décadas de 1930 e 1940.
Fonte: Arquivo de Lauro César Figueiredo, 2010.

Já Pinhal Grande (Figura 07), sede de um município de emancipação recente, não apresenta forte conformação urbana. Pode ser destacado dentre o seu património cultural principalmente a arquitetura religiosa maioritariamente datada da primeira metade do século passado e que detém grande expressão e significado quer para a leitura e legibilidade do seu tecido urbano embora este careça de unidade, quer para a comunidade como é o caso da Igreja da Encruzilhada cuja fachada principal é marcada pela forte presença do campanário com revestimento texturizado; também a arquitetura de produção ganha evidência na paisagem herdada da imigração italiana, como é o caso do moinho São José Rubin e Irmãos; no âmbito da arquitetura doméstica têm relevância as casas de volumetria simples, construídas em madeira, frequentemente de araucária, como é o caso da residência da família Batistela Dalmolin.



Figura 07 - Pinhal Grande, acima as distintas arquitecturas da primeira metade do século passado: á esquerda, arquitectura religiosa, á direita arquitectura de produção e arquitectura doméstica.
Fonte: Lauro César Figueiredo, 2010.

Por último, Silveira Martins (Figura 08) recebeu as primeiras levas de imigrantes italianos com a instalação do quarto núcleo no Estado meridional brasileiro, após os três primeiros: Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi. A arquitetura característica da cultura transalpina, à base de alvenarias de tijolos e de pedra, marca de forma indelével a paisagem local, ganhando forte expressão a arquitetura religiosa. Nesta, destaca-se a Igreja de Santo António de Pádua, com o seu campanário inspirado na torre da Igreja da pequena cidade italiana de Caorle, na costa adriática. O antigo Colégio de Freiras construído em 1908, onde funciona actualmente um dos campi avançados da Universidade Federal de Santa Maria qualifica a paisagem urbana, marcada igualmente por edifícios de um ou dois pisos conformando uma rua que constitui um referente no centro da cidade.



Figura 08 - Silveira Martins: distintas arquitecturas na caracterização da paisagem urbana. Fonte: Lauro César Figueiredo, 2010.

Apesar da rede urbana conformada pelos núcleos referidos, o carácter rural desta sub-região gaúcha é bem evidente quer ao nível da sócioeconomia com a agro-pecuária como principal actividade económica, quer no que respeita à presença das principais edificações do período colonial dispersas, tal como as populações, pelo território. No entanto, como resultado de um recente modelo de exploração da terra marcadamente mais intensivo, baseado não no trabalho do homem, mas no da máquina, assiste-se ao abandono do campo, progressiva e paulatinamente, com consequências no estado de abandono e conservação dos edifícios, o que faz com que o uso residencial seja substituído por outros usos associados à actividade agro-pecuária como armazéns de produtos e alfaías agrícolas ou como “depósito” de equipamentos e maquinaria. É, também, visível a substituição do uso habitacional por actividades comerciais ou de lazer e agro-turismo verificando-se a perda, descaracterização e adulteração deste importante património rural. Enquanto testemunho de um processo histórico de ocupação e organização do território Rio-grandense central, a partir da segunda metade do século XIX, as paisagens tradicionais e os edifícios construídos pela migração italiana constituem um legado que associado à memória e identidade do lugar, exigem a sua salvaguarda e valorização.

5. Considerações Finais

A paisagem é um sistema complexo e dinâmico que se constrói e transforma pela acção conjunta de factores naturais e culturais, espelhando as marcas da cultura (nas dimensões material e imaterial) dos povos e gerações sobre o território que ocupam. Neste sentido, o foco da preservação incide na inter-relação entre as comunidades e o lugar. A permanência das populações no espaço rural da Quarta Colónia de imigração italiana, no território meridional brasileiro, constitui um garante da conservação do património arquitectónico e da paisagem cultural da região, pois é a comunidade o principal agente na atribuição de valor à paisagem.

Em consonância com a lógica cultural contemporânea – construção de identidades, valorização das diferenças, ecletismo, estetização, tradição – esta experiência criou, em certa medida, um novo modo simbólico de afiliação e pertença a um território, através do esforço que reformulou o sentido de signos pré-existentes, reformatando positivamente a identidade etnocultural espacial na convergência a uma entidade micro-regional: a “Quarta Colónia”.

A dinâmica através da qual as diversas comunidades locais desta sub-região se relacionam, interagem e se integram em processos socioeconómicos de referência global, ao invés de diluir as diferenças, tem possibilitado o reforço de identidades apoiadas, justamente, no sentimento de pertença aos distintos municípios e povoações. Esta âncora territorial, embora mutável e relativa, é, actualmente, a base sobre a qual a cultura realiza a interação entre o rural e o urbano, mantendo uma lógica própria que lhe garante a construção e manutenção da identidade colectiva.

As paisagens tradicionais herdadas dos colonos italianos são elemento revelador de um determinado modo de obter a produção agrícola e das mudanças ocorridas, historicamente, nos processos de ocupação e exploração da terra, nas culturas

agrícolas e técnicas de cultivo, na transformação dos ecossistemas pré-existentes para a obtenção de recursos e alimento, perpetuando, sempre, o fundo de fertilidade dos solos.

A arquitetura, datada fundamentalmente da primeira metade do século passado e preservada até hoje, representa a cultura e a história materializada em “monumentos” e construções vernaculares que tomam sentidos e mantêm vivos os significados da memória coletiva. Assim, os sentidos atribuídos à paisagem tradicional e ao patrimônio histórico edificado, marcados pela colonização italiana compõem a imagem da Região da Quarta Colônia e revelam a apropriação simbólica do território.

A sua paisagem cultural é reconhecida nacionalmente e somente foi possível a preservação do seu patrimônio e das suas expressões vernaculares, face à globalização e aos novos modelos de desenvolvimento territorial, devido à ligação afectiva das comunidades à história natural e cultural dos lugares que habitam. As políticas públicas de âmbito regional e municipal deverão reforçar e conciliar os objectivos e os interesses da preservação e do desenvolvimento, no sentido da perpetuação de um modelo histórico de ocupação e organização espacial e de exploração tradicional da terra, e sua compatibilização com o desenvolvimento a longo-prazo tanto da Natureza, como da Sociedade. Caso contrário, a Quarta Colônia de imigração italiana corre o risco de perder a sua identidade cultural, base da sustentabilidade socioecológica da região central do Estado meridional brasileiro.

Este estudo foi desenvolvido no âmbito de um projeto de investigação (Universal), contemplado em 2015 com recursos do CNPQ (Brasil).

Bibliografia

- RGOLLO FERRÃO, A. M. Arquitetura rural e o espaço não urbano. Revista Labor&Engenho, Campinas. ISSN: 2176-8846 (2007) 89-110.
- BACHELARD, Gastón. De la poética del espacio. México: Fondo de Cultura, 1975.
- BERTUZZI, Paulo Iroquez, Elementos da arquitetura da imigração italiana. In WEIMER, Günter. A arquitetura no Rio Grande do Sul. 2ª ed. [por] Paulo Iroquez Bertuzzi [et. al.] Porto Alegre, Mercado Aberto. ISBN 8528000176 (1987) 144- 166.
- IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Homepage do IPHAN. Acesso em: 25 nov. 2009. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>.
- CECHIN, Nilson Nicoloso. Os sobrados rurais remanescentes da 4ª colônia de imigração italiana no Rio Grande do Sul. In: MIRANDA, Macklaine Miletho Silva; BRUM, Nelci Fatima Denti. As relações arquitetônicas do Rio Grande do Sul com os países do Prata. Santa Maria: Palotti. ISBN130087102532 (2002) 194- 220.
- Convenção Europeia da Paisagem. Florença, 2000. Diário da Republica nº 31 – 14 de fevereiro de 2005, pág. 1017 – 1028. Acesso em 15 fev. 2011. Disponível em <http://www.apap.pt/5CAnexos5Cpaisagem1.pdf>.
- Declaração de Xi'An - Sobre a conservação do entorno edificado, sítios e áreas do patrimônio cultural. Adotada em Xi'an, China, em 21 Outubro 2005. Tradução em

Língua Portuguesa: ICOMOS/BRASIL, Março 2006. Acesso em; 30 mai. 2010. Disponível em <http://www.international.icomos.org/xian2005/xian-declaration-por.pdf>.

FIGUEIREDO, Lauro César; BATISTA, Desidério. O conceito de Paisagem Cultural e os novos desafios de Conservação do Patrimônio: contributo para o debate em Portugal e no Brasil. *Revista O Ideário Patrimonial*. Tomar (Portugal), 2016. ISSN 2183139478, pp. 85-104.

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya; GUTIERREZ FILHO, Rogério. *Arquitetura e assentamento ítalo-gaúchos (1875-1914)*. 1. ed. Passo Fundo: Ed.UFP. 2000 ISBN Sem Registro.

PARKER PEARSON; RICHARDS. *Architecture and order: approaches to social space*. Londres: Routledge. (1994). ISBN 0203401484.

PIMENTA, Luís Fugazzola. *A formação das cidades e das paisagens da imigração em Santa Catarina: memória e preservação*. PIMENTA, Margareth Afeche; FIGUEIREDO, Lauro César. *Lugares: Patrimônio, Memória e Paisagens*. Editora UFSC. Florianópolis, 2014. ISBN 978-85-328-0701-4, pp.149-1169.

PLANEJAMENTO AMBIENTAL DA QUARTA COLÔNIA. *Patrimônio Cultural*. Santa Maria, RS; Ed. UFSM, Porto Alegre, RS, 2010.

SAQUET, M. A. *Os tempos e os territórios da colonização italiana: o desenvolvimento da Colônia de Silveira Martins (RS)*. Porto Alegre. 2003. ISBN (sem registro).

TELLES, G.R., *Paisagem global. Um conceito para o futuro*, *Revista Iniciativa para o desenvolvimento, a energia e o ambiente*, Lisboa, Número especial, 1994. ISSN 1645-4707, pp.28-33.

VIÑAO FRAGO, Antônio; ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A. (1998). ISBN 8574901059.

WARNIER, J. P. *Construire La culture matérielle: L'homme que pensait avec ses doigts*. Paris: Presses Universitaires de France. (1999). ISBN 1290-7839.

ZARANKIN, Andres. *Paredes que domesticam: arqueologia da arquitetura escolar capitalista – o caso de Buenos Aires*. Campinas: Ed. da Unicamp. (2002). ISBN 8571109273.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria – RS*. Santa Maria (RS): Ed. da UFSM, 2006.